

## REFLETINDO SOBRE O DIREITO E O AVESSE: O CORPO E A DIFERENÇA EM UMA CRÔNICA DE RACHEL DE QUEIROZ

**Francisco Pablo Feitosa Gonçalves**

Faculdade Estácio do Recife; Faculdade Integrada de Pernambuco  
pablo.feitosa@gmail.com

**Maria Eneida Feitosa**

Universidade Regional do Cariri  
eneidafeitosa@bol.com.br

### 1 CONSIDERAÇÕES PRIMEIRAS: SOBRE CORPOS E DESVIOS

Dentre os objetos que podem ser vistas a partir de um ponto de vista sociológico, temos no corpo um campo fértil para pesquisas e observações. O corpo que durante tanto tempo permaneceu restrito a outros cientistas, o corpo que durante algum tempo foi quase que monopolizado por estudiosos da medicina e da biologia — embora alguns o vissem num viés quase sociológico —, desde pelo menos meados dos anos sessenta do séc. XX se desnuda também ao sociólogo.

Assumimos a consciência de que, ao menos nas sociedades ocidentais contemporâneas, o corpo é socialmente construído, e, falando com Le Breton (2010), dizemos que o corpo é o que delimita o indivíduo do grupo, é o lugar e o tempo da identidade, é onde o social se faz pessoa.

Esta concepção nos permite ver no corpo alguns traços que são abordados por outras sociologias, como a do *desvio*, entendendo aqui o desvio em uma perspectiva ampla de violação da norma, o que permite compreender como desviante, enquanto diverso, uma pessoa mais alta ou mais baixa que as outras ou alguém que tenha uma deficiência física aparente. O desvio visto, não tanto como uma característica de uma determinada pessoa, mas uma qualidade que lhe é socialmente atribuída, como algo que é alvo de um processo de estigmatização (*cf.* CALIMAN, 1998, 2006).

Neste ponto de vista sociológico temos no corpo, portanto, um campo fértil à investigação e um tema de diálogo, inclusive com outras ciências e áreas do humano, como a antropologia, a psicologia e a literatura, é nesta última que iremos nos deter com um pouco mais de atenção, mais especificamente, em uma escritora em especial: Rachel de Queiroz.

## 2 UMA NOTA SOBRE RACHEL E METODOLOGIA

Falávamos em campos férteis à pesquisa sociológica, a literatura de ficção é um deles, pode ser largamente empregada; seu uso vai desde as epígrafes, passando por citações, a título de exemplificação de determinados aspectos teóricos, até verdadeiros argumentos de autoridade — neste último aspecto algumas obras certamente são mais relevantes que outras.

Este caráter social da ficção fica evidente quando pensamos que nenhum discurso provém do vácuo nem é nele proferido, sempre vai se vincular a um estado de coisas, tanto pela inserção social daquele que *enuncia* como pelo fato de que aquele que *recebe* também está inserido no meio social. É certo que a comunicação tem algo de imprevisibilidade, não podemos controlar, absolutamente, como nossas falas são apreendidas, mas isso não significa de forma alguma que elas possam ser neutras — e o máximo que podemos conseguir, quando pretendemos a neutralidade, é vincular nossas falas e a nos vincular ao *statu quo*.

As obras literárias, portanto, possuem um conteúdo histórico-cultural e possuem uma capacidade de diálogo com aspectos da sociedade que a envolve e que proporciona o seu surgimento (*cf.* REIS, 1999). A maior liberdade de interpretação que tais obras proporcionam, sobretudo quando comparadas com textos legais ou religiosos, por outro lado, longe de lhes retirar a credibilidade, lhes aumenta o potencial investigativo — aqui talvez pudéssemos pensar, aludindo à uma *hermenêutica tradicional*, em uma sobrevalorização do cânone da autonomia do objeto.

Acrescentamos que nenhum discurso provém do vácuo social nem nele é proferido, com isso queremos dizer que a produção das obras literárias invariavelmente é permeada pela as (pré)compreensões do autor e são recebidas pelo leitor a partir das suas próprias (pré)compreensões. É a partir deste ponto de vista que tentamos, neste ensaio, identificar uma sociologia do corpo em Rachel de Queiroz. A complexa Rachel — e falamos como se um ser humano pudesse não ser complexo — que vai do socialismo libertário a um certo conservadorismo em suas crônicas (*cf.* BOSI, 1994, p. 396).

Uma Rachel que parecia realmente não gostar de escrever, que assumidamente encarava o ato de escrever como uma profissão, era insatisfeita com o que ela própria escrevia e chegava a aconselhar os jovens a largarem da literatura (*cf.* QUEIROZ, 1998, p. 17-22). A mesma Rachel que venceu a misoginia e foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, que já recusara Amélia Beviláqua — e com isso afastara

o próprio Clóvis.

Da obra de Rachel, rica em referências às questões sociais e pontuada pela análise psicológica de suas personagens, separamos a crônica *Direito e Avesso*, que por demonstrar a forma curiosa como as pessoas se comportam em relação ao que as diferencia das demais, foi escolhida para ser o cerne do debate que queremos estabelecer, além dela, faremos incursões eventuais em outras crônicas da própria autora e obras de cunho sociológico que abordam a questão do corpo.

### 3 CORPOS AVESSOS, STATUS E ESTIGMAS

Rachel começa a crônica falando de uma moça que ocultava como a um crime uma cicatriz de queimadura que possuía no corpo:

Conheci uma moça que escondia como um crime certa feia cicatriz de queimadura que tinha no corpo. De pequena a mãe lhe ensinara a ocultar aquela marca de fogo e nem sei que impulso de desabafo levou-a a me falar nela; e creio que logo se arrependeu, pois me obrigou a jurar que jamais repetiria a alguém o seu segredo. Se agora o conto é porque a moça é morta e a sua cicatriz já estará em nada, levada com o resto pelas águas de março, que levam tudo. (QUEIROZ, 1976, p. 138)

A narrativa de Rachel é em primeira pessoa, sugerindo que a moça e a situação descritas realmente existiram. Evidentemente conhecemos, e não desprezamos, a distinção entre a autora e a narradora; a autora foi um ser humano que existiu, em carne e osso; a narradora, por sua vez, existe apenas no texto (*cf.* REUTER, 2002).

Sendo as crônicas permeadas por fatos do cotidiano, em *Direito e avesso* — e nas outras crônicas de Rachel que abordaremos — a narração em primeira pessoa, nos sugere especialmente que as pessoas e situações ali descritas realmente existiram ou poderiam — provavelmente — ter existido. Uma existência parece ser confirmada pelo esclarecimento no sentido de que só estamos tomando conhecimento da moça — e da sua cicatriz — porque ela está morta.

Um primeiro ponto que temos de apontar, desde já, é a analogia entre a *cicatriz* e o *crime* e como ambos precisam ser conhecidos para desencadear eventuais sanções sociais. Howard Becker (*cf.* 2008) nos lembra que, no intrincado jogo que leva uma pessoa a ser um *outsider*, ou não, um dos fatores é o conhecimento — e a acusação — do desvio.

Erving Goffman, por seu turno, percebeu que o conhecimento e a acusação eram importantes para o internamento do louco (*cf.* 1996) e para a condição de

estigmatizado (cf. 1988). Este, aliás, é outro ponto para o qual queremos atentar na narração de Rachel: a cicatriz, a marca de fogo, o *estigma*. Esta característica da marca decorrente do fogo e seus possíveis significados nos remetem necessariamente a Goffman:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor — uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. (GOFFMAN, 1988, p. 11, *grifos do original*).

Em Goffman (cf. 1988, p. 13), o termo estigma é usado em referência a um atributo depreciativo, cujo conhecimento pelos demais indivíduos, leva a pessoa que o possui a ser *desacreditada*, num sentido que realmente é bem próximo ao original grego.

Goffman — que aliás costumava recorrer a excertos de obras literárias em seus trabalhos — não foi o primeiro a teorizar sobre o estigma no âmbito das ciências sociais, seus trabalhos, entretanto, são os mais significativos sobre os processos de estigmatização. Devemos a ele tanto a forma como empregamos, como o próprio emprego do termo estigma na atualidade.

Voltando a Rachel, percebemos que a moça esconde o estigma porque, caso ele seja conhecido, ela se tornará desacreditada. Enquanto as pessoas não o conhecem, ela não está socialmente marcada. Ela sabe disso, Sua mãe sabia disso e por isso lhe ensinou a ocultá-lo. Isto nos remete novamente a Goffman (1988), já que ele nos diz que o aprendizado sobre o encobrimento do estigma é uma fase da socialização dos estigmatizados e as pessoas que possuem um determinado tipo de estigma tendem a ter um aprendizado semelhante relacionado à sua condição.

Ainda a propósito do *estigma*, enquanto marca que leva ao descrédito, o parágrafo seguinte de Direito e Aveso são dignos de nota:

Lembrou-me isso ao escutar outra moça, também vaidosa e bonita, que

discorria perante várias pessoas a respeito de uma *deformação* congênita que ela, moça, tem no coração. Falava daquilo com mal disfarçado orgulho, como se ter coração defeituoso fosse uma distinção aristocrática que se ganha de nascença e não está ao alcance de qualquer um.

E aí saí pensando em como as pessoas são estranhas. Qualquer deformação, por mais mínima, sendo em parte visível do nosso corpo, a gente a combate, a disfarça, oculta como um vício feio. Este senhor, por exemplo, que nos explica, abundantemente, ser vítima de divertículos (excrescências em forma de apêndice que apareceram no seu duodeno), teria o mesmo gosto em gabar-se da anomalia se em lugar dos divertículos tivesse lobinhos pendurados no nariz? Nunca vi ninguém expor com orgulho a sua mão de seis dedos, a sua orelha malformada; mas a má-formação interna é marca de originalidade, que se descreve aos outros com evidente orgulho. (QUEIROZ, 1976, p. 138-139, *grifamos*)

Aqui referimos novamente a Goffman, especificamente em sua descrição dos *símbolos de prestígio*, *símbolos de estigma* e *desacreditadores*. Goffman chama de *símbolos* os signos que transmitem informação social e que podem “ser acessíveis de forma freqüente e regular, e buscados e recebidos habitualmente” (GOFFMAN, 1988, p. 53).

Quando os símbolos passam uma informação relativa a um status desejável, são chamados de *símbolos de prestígio*; quando traduzem atributos capazes de desacreditar o indivíduo num determinado contexto, são chamados de *símbolos de estigma*; os *desidentificadores*, por sua vez, são signos que tendem a lançar dúvidas sobre a veracidade da identidade, um exemplo são os óculos usados pelo analfabeto que tenta encarnar o estereótipo do intelectual (*cf.* GOFFMAN, 1988, p. 53-54).

Dentro da classificação de Goffman, é interessante perceber como as *deformações*, quando são ocultas, acabam consistindo em um tipo de *símbolos de status*. Diferentemente dos símbolos usuais que aparecem por si só — *e.g.* insígnias nas fardas militares ou nas lapelas dos civis, o anel do bacharel, a roupa branca do profissional da saúde, a gola do padre — as deformações internas precisam ser declaradas, é o caso do coração defeituoso, e em alguns casos explicadas, como é o caso dos divertículos.

Embora sejam *deformações*, por serem internas, são motivos de orgulho, como uma *distinção aristocrática*, é *marca de originalidade*, e voltamos a Rachel que nos diz que “Doença interna só se esconde por medo da morte — isto é, por medo de que, a notícia se espalhando, chegue a morte mais depressa. Não sendo por isso, quem tem um sopro no coração se gaba dele como de falar japonês.” (QUEIROZ, 1976, p. 139)

Não sendo aparente, o *desvio oculto* — e nos referimos ao *desvio* naquela perspectiva ampla, do que é *diverso do normal* — é declarado para diferenciar o indivíduo dos demais, pouco importa que esta diferença represente limitações para

metas e fins que são tidos como desejáveis, e aqui referimos novamente aos males cardíacos que Rachel mencionou, que podem representar uma significativa diminuição na qualidade de vida de quem os tem, bem como os *males ginecológicos* a que Rachel se refere posteriormente, os quais comprometem a função reprodutiva.

#### 4 DEFORMIDADES APARENTES, DIFERENÇAS, DEFICIÊNCIAS E EXCLUSÃO

Já vimos que quando são visíveis, as diferenças não são motivos de orgulho. Mesmo uma cicatriz de queimadura, que talvez não traga nenhuma alteração significativa além da estética, é escondida como um crime. O ponto, aliás, parece ser a estética, a exibição do estigma:

Parece que o principal impedimento é o estético. Pois se todos gostam de se distinguir da multidão, nem que seja por uma anomalia, fazem ao mesmo tempo questão de que essa anomalia não seja visivelmente deformante. Ter o coração do lado direito é uma glória, mas um braço menor que o outro é uma tragédia. Alguém com os dois olhos límpidos pode gostar de *épater* uma roda de conversa, explicando que não enxerga coisíssima nenhuma por um daqueles límpidos olhos, e permitirá mesmo que os circunstantes curiosos lhe examinem o olho cego e constatem de perto que realmente não se nota diferença nenhuma com o olho são. Mas tivesse aquela pessoa o olho que não enxerga coalhado pela gota-serena, jamais se referiria ao defeito em público; e, caso o fizesse, por excentricidade de temperamento sarcástico ou masoquista, os circunstantes bem-educados se sentiriam na obrigação de desviar a vista e mudar de assunto.

Mulheres discutem com prazer seus casos ginecológicos; uma diz abertamente que já não tem um ovário, outra, que o médico lhe diagnosticou um útero infantil. Mas, se ela tivesse um pé infantil, ou seios senis, será que os declararia com a mesma complacência? (QUEIROZ, 1976, p. 139, *grifos do original*)

Esta rejeição ao que é *diferente, deformado, feio*, que por vezes parece ser natural — e a própria conclusão de Rachel, como veremos, pode autorizar leituras neste sentido, embora não nos pareça que é isto o que ela quer passar. Na verdade, esta rejeição é socialmente estabelecida e se direciona a valores que também socialmente estabelecidos.

Tanto a valorização do que é *similar, conforme e bonito*, como a própria similaridade, conformidade e beleza são construções sociais. Exemplificamos com uma alusão ao *body modification*, às práticas milenares de modificação corporal, hoje em dia tão em voga, que literalmente marcam o corpo e que podem representar beleza e pertencimento em determinados grupos e contextos e podem se tornar *estigmas* em outros — afirmando, ademais, a construção social do corpo.

As diferenças, quando visíveis — é o braço menor que o outro, é o olho coalhado pela gota-serena, o pé infantil e o seio senil — são uma tragédia. Podem ser mencionados pelos outros, podem ser apontados, criticados, podem despertar do o asco às risadas. Quando é o possuidor que o refere, entretanto, os circunstantes bem-educados só podem se sentir inclinados a desviar a vista, a mudar de assunto, a ignorar a diferença e a anular aquele sujeito estranho. O próprio fato de o possuidor da anomalia vir a mencioná-la, para Rachel, é sinal excentricidade de temperamento sarcástico ou masoquista, não é *normal*, portanto.

Aqui talvez coubesse uma alusão aos estranhos, referidos por Bauman (*cf.* 1998 e 1999), não tanto na perspectiva das pessoas do lugar em oposição às pessoas que não são do lugar, mas de pessoas que em virtude de sua aparência não se parecem conosco. Se temos nosso corpo imaculado, o *outro* com seu corpo marcado, suas tatuagens, piercings e escarificações nos parece *estranho*. Quando somos o outro, com nossas marcas, é o corpo sem a arte que nos parece estranho. Não nos reconhecemos na pedra bruta e simples, precisamos que o escultor lhe dê forma. Quem possui a *anormalidade*, quem foge da norma com seu estigma à vista, nos parece estranho.

Indo um pouco além, gostaríamos de fazer outra relação entre o estigma, a deformidade física e a *deficiência* para a realização das tarefas socialmente tidas como desejáveis. A sempre relativa deficiência, relativa ao contexto em que o indivíduo se encontra, o olho cego e coalhado e o braço menor que o outro podem dificultar sobremaneira determinadas atividades, podem fazer o motorista menos eficiente, mas não necessariamente o farão o advogado ou o locutor.

A deficiência, socialmente estabelecida, tão relacionada à doutrina higienista dominante em tempos não tão distante — ao menos nos discursos oficiais, mais intensamente na Europa do que na América do Sul. A doutrina que pregava a realização da *assepsia social*, a busca de uma raça pura, saudável, bela, física e mentalmente apta (*cf.* MISKOLCI, 2005, CARMO, 1989, p. 41-42). Mesmo na atualidade, o sistema econômico onde a indústria — que requer pessoas aptas, fortes e ágeis — tem grande importância e a própria ideologia capitalista que valoriza as pessoas pelo quão eficientes elas demonstram ser; esta organização social não pode tolerar a *ineficiência*.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE VOLTA AO CORPO AVESSE E SEUS SIGNIFICADOS**

Diretamente relacionada à beleza e aos estigmas que lhe anulam, está a questão

da eficiência e da deficiência socialmente estabelecida. Queremos remeter novamente ao excerto de *Direito e avesso* anteriormente transcrito, curiosamente o olho coalhado pela gota serena é tão cego quanto aquele que é límpido e surpreende a roda de conversa por não enxergar coisíssima nenhuma. A rigor ambos são igualmente ineficientes, mas apenas um deles estigmatiza, apenas um torna o indivíduo num deficiente. Numa sociedade onde o corpo é o lugar inescusável da identidade, onde a beleza é uma condição desejável, senão necessária, à eficiência, ter um estigma corporal é ter uma identidade deteriorada.

Referindo-se ao racismo, Le Breton diz que “O processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos a seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo. A diferença é transformada em estigma” (2010, p. 72). Acreditamos que isso vale para outras *marcas*, para o olho coalhado, para o braço mais curto, para o seio senil... São as marcas, os estigmas que nos tornam diferentes, nos tornam em *estranhos*:

A impossibilidade de identificação com o outro está na origem de qualquer prejuízo que pode encontrar um ator social pelo caminho: porque é velho ou moribundo, enfermo, desfigurado, de pertencimento religioso ou cultural diferente, etc. A modificação desfavorável é socialmente transformada em estigma, a diferença gera a contestação. O espelho do outro é incapaz de explicar o próprio espelho. Por outro lado, a aparência intolerável coloca em dúvida um momento peculiar de identidade chamando a atenção para a fragilidade da condição humana, a precariedade inerente à vida. O homem portador de deficiência lembra, unicamente pelo poder da presença, o imaginário do corpo desmantelado que assombra muitos pesadelos. Ele cria uma desordem na segurança ontológica que garante a ordem simbólica. As reações que provoca tecem uma sutil hierarquia do terror; classificadas conforme o índice de derrogação às normas de aparência física. Quanto mais a deficiência é visível e surpreendente (um corpo deformado, um tetraplégico, um rosto desfigurado, por exemplo), mais suscita a atenção social indiscreta que vai do horror ao espanto e mais o afastamento é declarado nas relações sociais. (LE BRETON, 2010, p. 75)

O que faz o corpo deficiente não é, portanto, a característica limitante que o indivíduo possui, é o (des)valor que a sociedade agrega ao estigma, é o próprio estigma que retira a credibilidade do indivíduo, remetemos novamente aos olhos cegos, o coalhado e o cristalino, quanto mais a diferença for perceptível mais *estranho* e desacreditado é o indivíduo, mais ele se assemelha a um *mal* que incomoda, deve ser tratado ou afastado. A propósito, Rachel encerra *Direito e avesso* com referências à doença, à loucura e ao quão somos estranhos:

Antigamente havia as doenças secretas, que só se nomeavam em segredo ou sob pseudônimo. De um tísico, por exemplo, se dizia que estava “fraco do peito”; e talvez tal reserva nascesse do medo do contágio, que todo mundo tinha. Mas dos malucos também se dizia que “estavam nervosos” e do câncer ainda hoje se faz mistério — e nem câncer nem doidice pegam.

Não somos mesmo muito estranhos? Gostamos de ser diferentes — contanto que a diferença não se veja. O bastante para chamar atenção, mas não tanto que pareça feio. (QUEIROZ, 1976, p. 139)

Sobre as doenças, elas não apenas se confundiram historicamente com as diferenças e desvios socialmente estabelecidos, como os modelos médicos foram referência para a normalização social. Sobre a loucura, sua substância social, que é evidente, fica desnudada tanto em Goffman como em Foucault. Em ambos os casos, temos doenças das quais se pode falar abertamente enquanto de outras se faz mistério, temos excentricidades com as quais podemos *épater* uma roda de conversa, outras, contudo, devem ser ocultadas.

Aqui parece um bom momento para, já encerrando, retomar a questão dos estigmas a serem escondidos, na fala de Rachel, a marca do fogo que se assemelha ao crime, a deformação visível, mesmo que mínima, parece-se — e oculta-se — com um vício feio. Percebemos, a partir de Rachel de Queiroz, que o corpo e seus significados, são socialmente estabelecidos. Seres sociais que somos, nos afirmamos a partir de nossas diferenças, desde que elas não sejam visíveis, desde que não pareçam feias, desde que não sejam estigmas que nos desacreditem, que não deteriore nossa identidade. O corpo é, em suma, o lugar e o tempo da identidade, é onde o social se faz pessoa.

## 6 OBRAS CITADAS E CONSULTADAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALIMAN, Geraldo. **Desafios, riscos, desvios**. Brasília: Universa, 1998.

\_\_\_\_\_. **Desvio social e delinquência juvenil**. Brasília: Universa, 2006.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência Física: A sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina**. 1989. 243 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petropolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MISKOLCI, Richard. *Do desvio às diferenças*. In. **Teoria & Pesquisa**. N. 47. jul/dez de 2005.

QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista*. **Investigações: Linguística e teoria literária**. Recife, vol. 8, julho de 1998, p. 9-24.

\_\_\_\_\_. *Direito e avesso*. In. **As meninas e outras crônicas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 138-140.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Almedina, 1999.

REUTER, Yves. **A análise da Narrativa**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.